Safra 2013/14

Cana em ritmo de recuperação

Plinio Mário Nastari*

OS EFEITOS da crise financeira de 2008 ainda são perceptíveis em um bom pedaço do setor sucroalcooleiro brasileiro, mas os impactos causados por três anos consecutivos (2009 a 2011) de clima anormal começam a ser superados, pelo menos na região Centro-Sul, que deve representar, na safra 2013/14, cerca de 92% da moagem de cana do País. Neste ano, a moagem de cana na região Centro-Sul deve crecer significativamente em relação à performance do ano anterior, de 532,33 milhões de toneladas, e se aproximar da capacidade efetiva de moagem, podendo atingir 587 milhões de toneladas, com um índice de ocupação superior a 95%, cuja confirmação vai depender mais do aproveitamento de tempo das usinas, a ser determinado pelo clima durante a safra, do que da disponibilidade de matéria-prima.

Na região Norte-Nordeste, os produtores enfrentam o desafio de superar a grave seca que assola a região e que tem poupado de forma moderada apenas aqueles que investiram e dispõem de irrigação complementar ou de salvamento. Nesta região, a moagem de cana da recém-encerrada safra de 2012/13 ficou restrita a 55,86 milhões de toneladas, com significativa redução em relação ao ciclo anterior, quando foram processadas 65,09 milhões de toneladas.

Chama a atenção a queda acentuada no ritmo de expansão da capacidade de moagem, com poucos novos projetos e expansões de usinas já existentes entrando em operação em 2013, ao mesmo tempo em que existe a perspectiva de que outras usinas somem-se à lista das quarenta e uma que encerraram atividades desde 2008. Portanto, a capacidade efetiva de moagem deve ficar estagnada ou apresentar um crescimento modesto em 2013. O prazo de maturação de novos investimentos em moagem é de dois a três anos, no mínimo, o que significa que, mesmo havendo potencial de crescimento da produção agrícola, a expansão da produção de produtos finais estará, nesse horizonte, comprometida pela limitação de capacidade de moagem.



SXC.HU

A área com maior potencial de redução de custos ao alcance da indústria é o aumento da produtividade agrícola, e, nesse aspecto, as perspectivas são alvissareiras. Na safra 2013/14, dependendo da microrregião considerada, é esperado um aumento de produtividade agrícola sobre o ano anterior de 7% a 11%. Isso significa que, neste ano, a produtividade deve aproximar-se da performance observada em 2010, quando se atingiu a média de 85,1 toneladas de cana por hectare na região Centro-Sul.

No que tange à produtividade agroindustrial (combinando as condições agrícola e industrial), o atual estágio tecnológico já permite a geração de 7 mil litros de etanol por hectare, na forma de etanol ou açúcar, e, em pouco tempo, possivelmente até o final desta década, poderá ser possível atingir produtividades agroindustriais próximas a 12 mil litros por hectare. Segundo o diretor executi-

vo do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira, em Piracicaba), Gustavo Leite, espera-se atingir níveis entre 30 e 35 mil litros por hectare até 2035. São números impressionantes considerando que o etanol de milho garante uma produtividade média, atualmente, de 3,2 mil litros por hectare e que o seu potencial máximo é de 6,5 mil litros por hectare, além da sua menor vantagem em termos de balanço energético e redução na emissão de gases do efeito estufa.

Por outro lado, os desafios permanecem não apenas no aperfeiçoamento das operações agrícolas de plantio e colheita mecanizada, como também no cumprimento de normativos legais. A Lei da Balança, que limita em 75 toneladas o Peso Bruto Total Combinado (PBTC) transportado, cana mais tara, por comboio, deve aumentar os custos de transporte da matéria-prima. A Lei do Caminhoneiro (Lei 12.619/2012), que dispõe sobre o exercício da profissão de motorista, teve o efeito prático de reduzir entre 25% e 30% a frota rodante do País, de cerca de 2 milhões de veículos pesados. Considerando que são vendidos 100 mil caminhões por ano no Brasil, mesmo sem levar em conta o sucateamento da frota, vai levar de cinco a seis anos para que seja recomposta a frota anterior à promulgação da lei. Isso tudo ocorre no momento em que cresce a oferta de açúcar e etanol e, principalmente, de grãos, o que deve impulsionar, junto ao aumento do preço do diesel, o frete dos produtos finais.

Portanto, ao mesmo tempo em que existe um potencial real de redução de custo no médio e longo prazos, advindo principalmente da possibilidade de incorporação de tecnologia na área agrícola, no curto prazo, o custo do açúcar e do etanol deve continuar pressionado pelo aumento do frete da matéria-prima e dos produtos finais, além do custo mais elevado de mão de obra. Não há, pois, perspectiva concreta de redução significativa, pelo menos no curto prazo, do custo marginal de expansão do produtor, que é aquele localizado na região Centro-Sul do Brasil.



SXC.HU

Soma-se a esse aspecto o fato de que, embora as demandas por açúcar e etanol continuem em expansão nos mercados interno e externo, o mercado enfrenta o terceiro ano consecutivo de superávit no mercado mundial. A DATAGRO projeta para a safra mundial de 2012/13 (setembro-outubro) um superávit de 10,27 milhões de toneladas de açúcar cru equivalente.

Nos próximos anos, as exportações de etanol devem retomar o crescimento, tanto para os Estados Unidos, quanto para a Índia. Nos EUA, o etanol celulósico continua atrasado, abrindo espaço para o etanol de cana, considerado avançado por sua superior capacidade de poupar emissão de gases do efeito estufa. Em 2013, a Agência de Proteção do Meio Ambiente dos Estados Unidos (US-EPA) definiu uma janela que permitirá a importação de até 3,09 bilhões de litros de etanol de cana vindos dos Brasil, para atendimento do mandato estabelecido pela Lei de Energia (Energy Independence and Security Act) de 2007.

A Índia, desde o final de 2012, retomou o seu projeto de adição de etanol na gasolina e, no curto prazo, precisará contar com a importação de etanol do Brasil para atender uma demanda crescente. As exportações de etanol para a Índia em 2013 podem, facilmente, superar os 500 milhões de litros.

Ao mesmo tempo, existe um real potencial de expansão da produção de açúcar na Índia, Europa, Tailândia e Austrália. Esse cenário complexo deverá afetar profundamente a maneira com a qual o setor sucroenergético irá operar a partir do próximo ano, fazendo com que cresça em importância a demanda potencial de etanol no mercado interno.

O mercado brasileiro exige uma produção cada vez maior de etanol para atender o seu crescente mercado interno. Enquanto, nos meses de setembro e outubro de 2009, a demanda mensal de etanol hidratado chegou a superar 1,5 bilhão de litros; em 2012, a média mensal ficou em cerca de 820 milhões de litros. A expansão da frota *flex* desde 2009 permitiria que a demanda de etanol hidratado no mercado interno atingisse, atualmente, mais de 1,8 bilhão de litros por mês. Caso um terço desta demanda potencial seja aproveitada se não em 2013, pelo menos em 2014, haveria o efeito de aumentar a produção e consumo de etanol hidratado em 4 bilhões de litros de etanol, reduzindo a oferta de açúcar em 6,4 milhões de toneladas, com impacto potencial direto no preço. ■

*Mestre e doutor em Economia agrícola, foi professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação da EAESP-FGV e presidente da DATAGRO Consultoria